

# O EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DOS MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS DE VINHAIS. ESPAÇO SACRO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA VILA DE VINHAIS (BRAGANÇA)

HELENA PIRES\*

EDUARDA VIEIRA\*\*

J. FERRÃO AFONSO\*\*\*

**Resumo:** Este artigo centra-se na análise da Igreja de São Francisco e o complexo do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais (Bragança), elementos históricos e identitários, deste concelho desde o século XVIII. Propõe-se uma análise reflexiva sobre a arquitectura do edifício e as transformações deste espaço religioso, pois considerando que não há uma percepção global da sua importância por parte da comunidade local, tornou-se imprescindível estudar e divulgar este imóvel no seu conjunto: igreja e o seminário / convento, no sentido de fundamentar as decisões que enquadrem uma proposta de salvaguardar o seu valor patrimonial e de valorização futura. Fazendo parte do património desta vila, este monumento contribuiu para a construção da sua identidade social. Na análise das características do local constatam-se as relações de interacção entre a paisagem e o conjunto edificado.

Embora o sítio se mantenha relativamente inalterado, o imóvel acompanhou as alterações dono desenho da malha urbana, constituindo hoje uma síntese de permanências e mudanças e um elemento central na organização espacial da vila.

**Palavras-chave:** Espaço Sacro; Franciscanos; Identidade; Seminário.

**Abstract:** This paper is both focused on the analysis of the Saint Francisco's church and Apostolic Missionaries Seminary complex located in *Vinhais* (Bragança), highlighting their historical and cultural values within the construction of the local identity since the 17<sup>th</sup> century.

---

\* Escola das Artes, CITAR, Universidade Católica Portuguesa (Portugal)- Doutoramento em Estudos de Património. [helena.g.pires@gmail.com](mailto:helena.g.pires@gmail.com).

\*\* Escola das Artes, CITAR, Universidade Católica Portuguesa (Portugal)- Linha de Investigação de estudo e Conservação do Património. [evieira@porto.ucp.pt](mailto:evieira@porto.ucp.pt).

\*\*\* [jafonso@porto.ucp.pt](mailto:jafonso@porto.ucp.pt).

Accordingly, an analysis of the building's architecture is made towards a deep understanding of the several transformations that were carried out in this religious space. Considering the lack of perception of its importance by the local community, it became crucial to study and disseminate this architectonic complex: church and seminary/ monastery in order to justify all the decision making within its safeguard. As part of this villages's heritage, this monument contributed to its social identity development. The survey of the site characteristics made possible to verify the relationship with the landscape.

Although the site remains almost unchanged, the built complex accompanied the urban growth maintaining its function as a central issue in the space organization of the village and remaining also a repository of all the historical changes and continuities.

**Keywords:** Sacred space; Franciscans; Identity; Seminary.

## 1. CONTEXTO GEOGRÁFICO – TRÁS-OS-MONTES

A designação de Trás-os-Montes é, por si só, suficiente para individualizar e caracterizar esta província<sup>1</sup>. Esta região, habitualmente designada por Terra Fria, foi cuidada e proficientemente estudada por Vergílio Taborda, que lhe atribuiu a denominação de Alto Trás-os-Montes.

O território vinhaense, com uma altitude média elevada, abrange diversas microrregiões com características distintas. Para além dos rios Tuela e Rabaçal, pode notar-se facilmente a existência de duas áreas, norte e sul; de facto, na parte norte, a que corresponde à área de Vinhais abrangendo parte do Parque Natural de Montesinho, encontramos as maiores altitudes e o clima é característico da chamada Terra Fria. Para sul, a paisagem é mais ampla, as terras são mais férteis e menos rochosas, e as aldeias de povoamento, menos concentradas, habitadas por gente com uma cultura mais diversificada, mais aberta e empreendedora devido à exploração das minas Nuzedo / Ervedosa, Rebordelo, Ousilhão<sup>2</sup>.

Vinhais caracteriza-se pela ocorrência de xistos. No entanto, o granito está patente em Vale das Fontes, Rebordelo e Sangemil, Pinheiro Novo e Moimenta, e o Calcário em Fresulfe, Dine e em Soeira. Durante um longo período os locais referidos foram objeto de exploração mineira, pelo menos a partir da Idade do Bronze, época que aparece documentada nos castros das suas proximidades<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> VASCONCELOS, 1942.

<sup>2</sup> RIBEIRO, 1970.

<sup>3</sup> MACIEL, 2000.

## 2. ORIGEM DA VILA

Durante a Idade Média a divisão administrativa de Vinhais não correspondia à atual, pois existiam na região vários concelhos que só no final da Idade Moderna viriam a constituir o concelho de Vinhais com a área que atualmente ocupa<sup>4</sup>.

Com o foral de D. Afonso III, “Vinhais” ou “terra de Vinhais” passou a ser concelho, cabeça de todas as vilas e vilares circundantes, centro administrativo e sede para se fazer justiça a todos os vizinhos, à mistura com pagamentos de foros, rendas e dízimos, como se estipula no foral atribuído pelo referido rei<sup>5</sup>.

Contudo, sabe-se através de alguns documentos da época, mas em especial através das Inquirições de D. Afonso III e, posteriormente das de D. Dinis, que houve por parte dos mosteiros e nobres usurpações aos domínios da Coroa. Muitas das terras foreiras aos reis aparecem como “honras” de fidalgos, ou membros da Igreja<sup>6</sup>. Assim a ação dos mosteiros teve um papel muito importante no repovoamento deste território (...)<sup>7</sup>.

Sabe-se que a origem de Vinhais remonta ao período anterior à Idade Média. Durante a ocupação romana, a parte norte da vila foi o local escolhido para assentamento de povoados e vigilância visto ser o cabeço mais elevado<sup>8</sup>.

Da presença desses povos restaram-nos alguns vestígios e a passagem por estas terras de uma das cinco estradas romanas – via Romana XVII do Itinerário Antonino, via essa que ligava dois importantes *conventus juridicus*: Bracara Augusta-Braga a Asturica Augusta-Astorga, bem como o caminho de Leão a São Tiago de Compostela (Figura 1). Tudo nos leva a crer que esta via tivesse contribuído para a fundação da nova vila<sup>9, 10</sup>.

O único documento que se conhece e que faz referencia ao vocábulo – Vinhais, é de meados do século XII aproximadamente de 1159, e está presente numa carta de doação ao Mosteiro de San Martín de Castañeda, Puebla de Sanábria<sup>11</sup>.

---

<sup>4</sup> MACIEL, 2000.

<sup>5</sup> ALVES, 2000.

<sup>6</sup> MACIEL, 2000.

<sup>7</sup> GOMES, 2000.

<sup>8</sup> COSTA, 1708.

<sup>9</sup> GOMES, 1993: 80.

<sup>10</sup> MORENO, 1986: 77-89.

<sup>11</sup> ALVES, 2000.

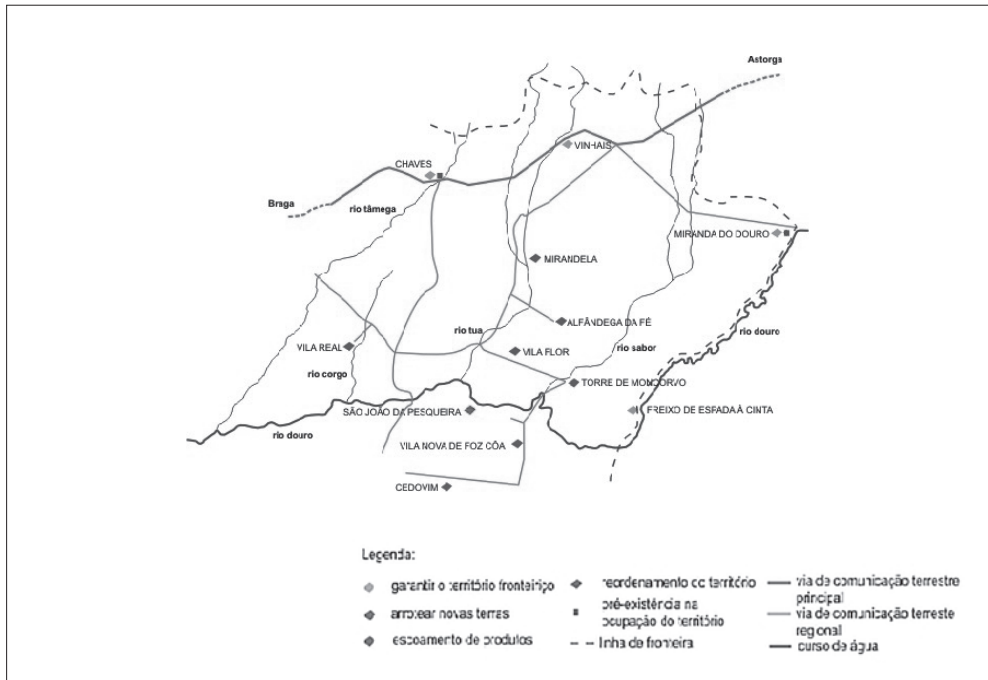


Fig. 1. Vinhais no contexto de Trás-os-Montes. a) Via comercial romana *Bracara-Asturica* e do caminho de Santiago de Compostela via Trás-os-Montes; in Vilas Medievais Planeadas [em Linha] 2011 .

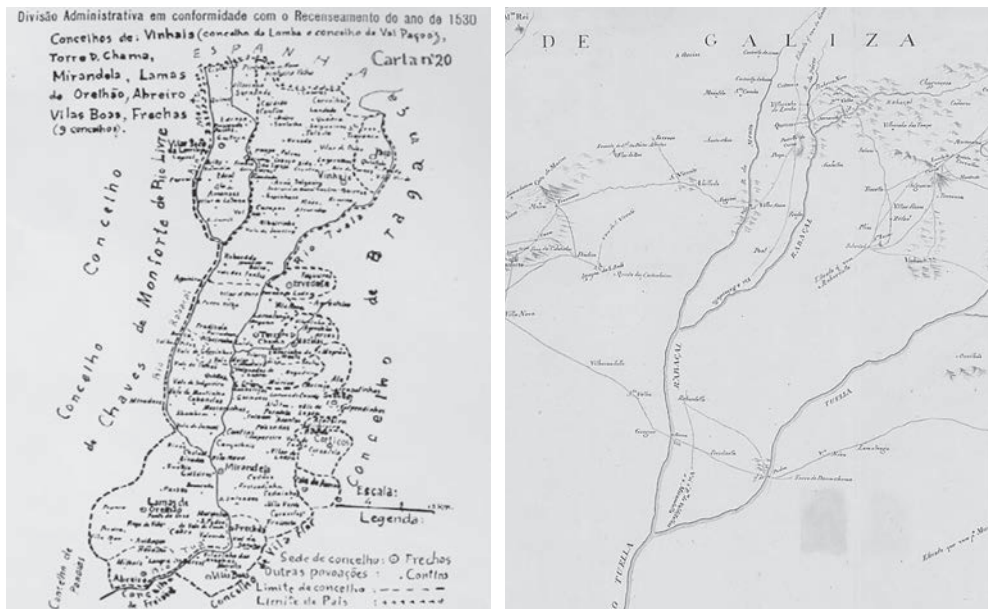


Fig. 2. Pormenor da divisão administrativa em conformidade com o Recenseamento do ano de 1530.

A primeira informação a retirar das inquirições de 1258 e do pacto celebrado em 1224<sup>12</sup> é a que respeita ao castelo de Vinhais, que, segundo estes documentos, não existia no local onde hoje se situa a vila atual-<sup>13</sup>. D. Sancho II é apontado como o monarca que terá tido a iniciativa de criar uma vila nova com o seu castelo<sup>14</sup>, e em 1253, D. Afonso III concede uma carta de foral aos (...) *hominibus de Vinaes* (...) <sup>15</sup>. D. Manuel I dá nova carta de foral à Vila de Vinhais, a 4 de Maio de 1512 (outorgando o Foral de D. Afonso III), aos *hominibus de Vinaes, et suis terminis*<sup>16</sup>. O termo do concelho de Vinhais é estabelecido pelo cadastro de 1527. No Recenseamento de 1530, a *Terra de Vinhais*, compreendia o território situado entre os rios de Tuela e Rabaçal (Figura 2)<sup>17</sup>.

## 2.1 O Processo da Fundação Urbana

O fenómeno urbano reaparece num mundo dominado por castelos e mosteiros e converte-se no principal elemento dinamizador do mundo medieval. Entre os séculos XII e XIV assiste-se a um período de desenvolvimento urbano, de fundação de novos aglomerados de traçado regular, e de novas intervenções na morfologia dos centros já existentes<sup>18</sup>.

Ao investigarmos o processo de fundação de Vinhais, verificamos que este não foi acompanhado, inicialmente, por um crescimento populacional. Existiu sim a necessidade de fixar uma população dispersa. Sabemos que as vilas eram fundadas a partir das cartas de foral doadas pelos senhores da terra<sup>19</sup>.

Segundo Alexandra Paio, um foral de fundação era «(...) concedido a uma vila que mudou de localização, por razões políticas, sociais ou económicas (...)».

Sabe-se que o rei escolhia o sítio / local, e este tinha que estar de acordo com os objetivos a que se destinava a fundação da nova vila. Através da carta de foral dava privilégios, reagrupava as pequenas povoações existentes na região, organizava a defesa da nova vila desde o início e controlava os seus terrenos<sup>20</sup>.

Da análise efetuada deduzimos que os elementos se relacionavam entre si: localização (sítio), posição e a função a que se destinava. A implantação desta nova

---

<sup>12</sup> NETO, 1975.

<sup>13</sup> ALVES, 1918.

<sup>14</sup> ALVES, 2000.

<sup>15</sup> ALVES; 2000.

<sup>16</sup> ALVES, 2000.

<sup>17</sup> NETO, 1975.

<sup>18</sup> PAIO, 2002.

<sup>19</sup> ANDRADE, 1994.

<sup>20</sup> PAIO, 2007.

vila em local estratégico foi um ato político destinado a colocar sob o domínio da Coroa o processo de ocupação e organização social, económica, política e administrativa do território de Vinhais<sup>21</sup>.

### 3. O EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DOS MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS DE VINHAIS – O SÍTIO – EVOLUÇÃO URBANA

Historicamente verificamos que os condicionalismos políticos levaram a que malha urbana desta vila se fosse adaptando às circunstâncias de cada século, evoluindo com mais ou menos problemas de organização. O tecido urbano foi configurado pelo sistema viário, pelo padrão do parcelamento do solo, pela aglomeração e pelo isolamento das edificações, assim como pelos espaços livres<sup>22</sup>.

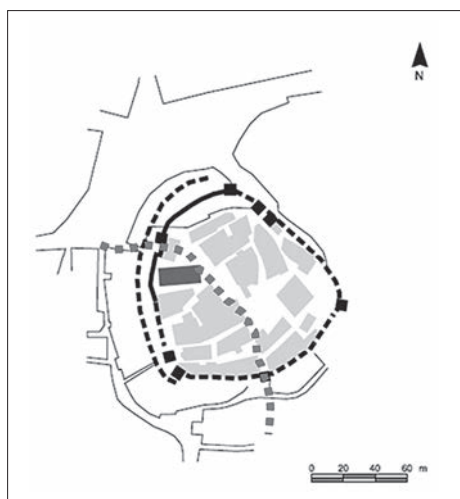


Fig. 3. Traçado da Vila de Vinhais na Idade Média – Planta da vila de Vinhais.

À semelhança de muitas vilas fundadas na Idade Média, o traçado de Vinhais refletiu a necessidade da defesa e a importância da administração civil e religiosa. Segundo o estudo das vilas medievais planeadas, a estrutura da vila assentava numa rua central, a Rua Direita, organizada segundo um eixo, com quarteirões perpendiculares a este e com uma “praça” (Igreja Matriz) que ligava a porta principal da muralha (Figura 3)<sup>23</sup>.

O traçado e a rua passaram a existir como elementos morfológicos nos vários níveis ou escalas da forma urbana. O traçado é um dos elementos com maior destaque na forma de uma vila ou cidade, define o plano em diferentes dimensões, e a rua adquire o seu carácter a partir das suas características morfológicas, como a largura, proporção, revestimento e texturas. O mercado surge como principal razão da vila ou da cidade como lugar de trocas e serviços; a praça, geralmente irregular, resultava mais como um vazio aberto na estrutura urbana.

<sup>21</sup> PAIO, 2007.

<sup>22</sup> LAMAS, 1993: 58.

<sup>23</sup> PAIO et al, 2007: 186-189.

Os monumentos (igrejas, capelas, conventos, seminários, outros), como elemento morfológico individualizado, vão ocupar um posicionamento e uma configuração determinada pelo seu significado e função, desempenhando um papel essencial no desenho urbano, caracterizando a área e tornando-se o apoio estruturante da vila.

No caso de estudo de Vinhais a rua Direita fez a separação entre o público e o privado, pois todo o espaço em frente ao convento é constituído por um adro/ praça que faz parte integrante do edifício. Orlando Ribeiro refere que uma das peculiaridades da morfologia urbana portuguesa era a pluralidade de praças. Na opinião do geógrafo, estas distinguiam-se pela função, e, de acordo com esta, caber-lhe-ia uma praça *fronteira à igreja*; uma vez que o *terreiro* seria o largo de terra batida já fora das muralhas.

O edifício do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais<sup>24</sup>, face à sua monumentalidade e envolvimento com o espaço urbano, surge como elemento dinamizador desta vila, pois como lugar sagrado gerou uma centralidade fundamental na construção da identidade do local.

Donizete Rodrigues refere que a «identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido ao grupo. Ou seja, ela implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural, religioso, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança entre “ego” e o “alter”, entre “nós” e os “outros”»<sup>25</sup>.

### **3.1. O edifício do Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais. Espaço Sacro no contexto histórico da Vila de Vinhais (Bragança)**

A religião sempre desempenhou um fator fundamental no processo de construção da identidade de um local, ao contribuir para a construção da identidade social e cultural, que nos permite vivê-la no presente e transmiti-la no futuro<sup>26</sup>. O conjunto em estudo destaca os elementos de maior evidência: a igreja da Ordem III e a fachada que dá acesso à igreja maior do convento.

Com vista a entender os valores deste espaço sagrado como fator identitário do local, tornou-se crucial perceber de que forma a evolução urbana desta vila foi condicionada ou estimulada pela edificação do edifício do Seminário dos Missionários Apostólicos. Destaca-se, desde logo, a escolha do sítio como local/terreno sobre o qual se irá erguer algo, ou seja, a superfície de terra que vai ocupar, que

---

<sup>24</sup> Edifício classificado como Monumento de Interesse Público (MIP) pela Portaria n.º 421/2013, DR, 2.ª série, n.º 122, de 27-06-2013.

<sup>25</sup> RODRIGUES, 2012: 3.

<sup>26</sup> RODRIGUES, 2012: 4.

neste caso se ligou a um conjunto de características físicas, principalmente morfológicas e geológicas. A escolha esteve associada a razões práticas, à facilidade de provimento de alimentos, às linhas de água a disponibilidade de materiais de construção, a melhor orientação solar, ou ainda (e não menos importante) a proteção dos ventos.

Outro aspeto importante para a implantação do convento relacionou-se com a presença de preexistências no território. Podemos destacar as vias de comunicação terrestres ou fluviais (as acessibilidades); o castelo, outras igrejas, outros conventos (proteção) e a presença de um limite de fronteira que pretendia preservar a relação com outros núcleos de povoamento. Os caminhos de Santiago ou caminhos de peregrinação como estradas de importância estratégica, também contribuíram para o desenvolvimento e fixação de pessoas nas terras de Vinhais.

O local escolhido para a implantação, além dos factores já mencionados, tem claramente uma longa história de sacralidade. No século XII é construída a igreja de São Facundo que ficaria, posteriormente nos limites da cerca. Em finais do século XVII é construída a igreja da Nossa Senhora da Assunção e que se situaria na proximidade da cerca para norte e em 1751/52 é construído o convento. Estes três edifícios demarcavam um território e solidificavam uma relação de poder que conferia distinção social aos núcleos onde se inseriam. A configuração desta área sacra consistia num espaço aberto, circundado por uma Cerca, que era aberta à população em épocas especiais, para poderem aceder às pequenas capelas construídas neste amplo espaço. Este elemento é bastante importante e reforça a sacralidade do espaço, visto serem implantadas dentro das próprias cercas monacais e distribuídas ao longo do circuito que levava à(s) igreja(s): a série de capelas da chamada *Via Crucis*, evocativas dos passos da *Paixão de Cristo*, convidava a população a participar nos atos religiosos. Para o homem religioso a natureza nunca é exclusivamente «natural»<sup>27</sup>, as linhas de água com abundância neste local e as árvores (oliveira e de frutos), associados aos símbolos do sagrado como a pureza e o universo contribuíram para assinalar este espaço como lugar sagrado. O silêncio que o espaço proporcionava, (sendo o silêncio um elemento imaterial que caracteriza a carga sagrada e profundamente espiritual de um templo), ligado aos outros aspectos, permite enquadrar o edifício na paisagem, criando um espaço harmonioso que nos leva a reflectir. Toda a paisagem envolvente leva o nosso olhar até ao edifício, numa aproximação gradual.

Ao longo do século XVIII, no espaço exterior à cerca amuralhada surgiram as primeiras casas nobres que se integram e enquadram na malha urbana. Posteriormente tornou-se necessário uniformizar as cérceas dos restantes edifícios e regularizar as fachadas ao longo da rua direita.

---

<sup>27</sup> ELIADE, 1992.



O EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DOS MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS DE VINHAIS.  
ESPAÇO SACRO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA VILA DE VINHAIS (BRAGANÇA)

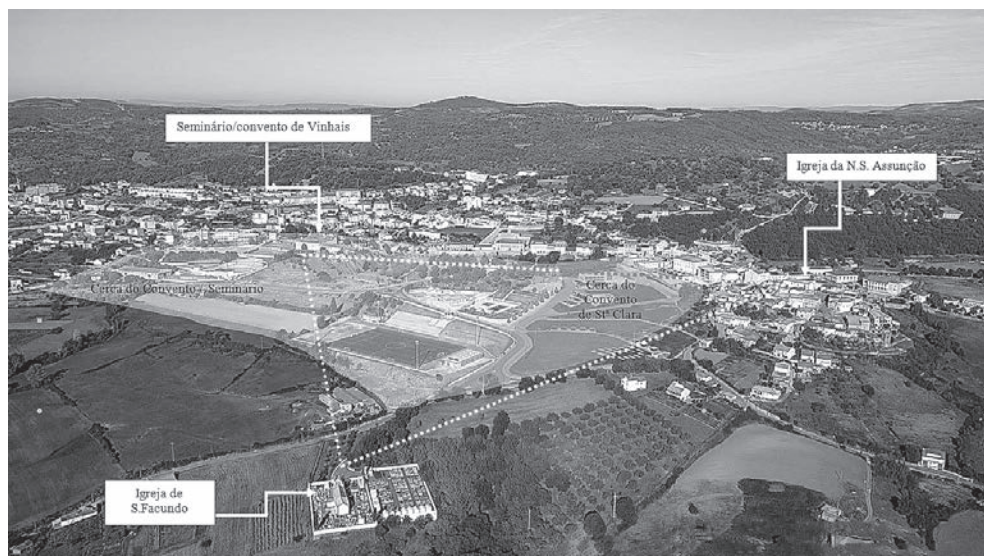


Fig. 4. Planta da vila de Vinhais com as três igrejas: Igreja Maior (Seminário), S.Facundo e Igreja N<sup>o</sup> Sr<sup>a</sup> da Assunção. PINTO, Duarte Fernandes – Blogue 3<sup>o</sup> Dimensão – Fotografia Aérea. [em Linha]. Disponível em <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/search/label/Vinhais>.



Fig. 5. Convento/Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais (Fotografia cedida por Roberto Afonso).

Depois de grandes controvérsias entre o poder local e a Diocese de Bragança/Miranda, o conjunto da Igreja de São Francisco e Seminário dos Missionários Apostólicos de Vinhais, é classificado como Imóvel de Interesse Público. O Art.º 17.º da Lei n.º 10772001, de 8 de Setembro, refere o interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso, o seu valor estético, técnico e material intrínseco, a sua conceção arquitetónica, urbanística e paisagística e a sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva, pois o objeto arquitetónico tem que ser visto para além da sua imagem. O edifício era para “ser vivido” e o espaço deveria responder ao que o homem procurava assim como corresponder, à sua definição de bem-estar, de conforto e de harmonia funcional e estética. Donizete Rodrigues, é da opinião que estes lugares de memória apresentam uma arquitectura própria e singular com marcas representativas da cultura transmontana e dos seus hábitos, em que o lugar se relaciona com o seu quotidiano, símbolos religiosos e em que o local constitui a história e o cunho das terras transmontanas.

Segundo Távora, há também que valorizar a história e tratá-la como um percurso. Há que defender o passado, enquanto memória e valores, actualizando-o, acompanhando-o e orientando-o em formas contemporâneas, construindo assim uma visão histórica de tudo, como se de uma introdução se tratasse<sup>28</sup>. Graça Dias afirma que é necessário esse conhecimento histórico para se adquirir memória, para que esta possa ser usada no futuro, não numa continuidade mas através das nossas raízes<sup>29</sup>.

Estruturalmente o edifício mantém uma boa autonomia relativamente à malha urbana sendo atualmente envolvido pelas construções existentes.

O primeiro aspeto importante na configuração geral deste convento prende-se com a sua volumetria, uma vez que o mesmo foi construído com recurso a pedra de xisto que dá corpo a uma alvenaria irregular com argamassas de cal e areia, difíceis de distinguir numa simples observação.

Face a rusticidade dos materiais aplicados, a sua integração com a envolvente urbana é perfeita, pois todos os elementos construtivos contêm uma carga simbólica, desde o adro, ao claustro a torre, até ao interior da sua igreja.

A construção do edifício, resultou de um equilíbrio sábio entre a visão do seu mentor e a necessidade da criação de um espaço que acudisse à carência de levar a palavra de Deus ao resto da região. A conceção deste espaço assumiu grande importância na aproximação dos fiéis e da Diocese de Bragança/ Miranda. À semelhança do que ainda hoje acontece, também à época a população se sentiu parte integrante desta arquitetura, cuja monumentalidade, não chama atenção para si mesma, mas sim para a função que desempenhou e ainda desempenha culto.

---

<sup>28</sup> TÁVORA, 1953: 12.

<sup>29</sup> GRAÇA DIAS, 2005: 222.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O edifício do Seminário dos Missionários Apostólicos destaca-se na morfologia urbana como a maior construção do género em Vinhais edificada fora das muralhas. O legado construído e deixado, quer ele se encontre na sua forma original ou tenha sido objeto de adaptações, evidenciou a evolução orgânica e o tipo de desenvolvimento que a vila de Vinhais teve. Já sem a função conventual ou de seminário, continua a exercer a sua influência na malha urbana como parte integrante de uma identidade social. Este monumento contribuiu para a construção da identidade social. A *Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização Cultural – Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, estabeleceu os princípios de proteção do património cultural, considerando o património «como realidade de maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura».*

A identidade constrói-se a vários níveis, mas é quando falamos de identidade coletiva que surgem espaços com valor identitário evidente, na medida que simbolizam para um grupo, um espaço de partilha e de construção comum, neste sentido o património cultural edificado como representante de espaços de referência e espaço de identidade vai conferir originalidade e singularidade aos lugares e regiões e os distingue de outros territórios.

Concluimos que num local onde a memória da população está profundamente enraizada no passado e nas suas tradições o fecho deste edifício como seminário, veio desvalorizar este espaço.

*(...) Para um crente essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de facto, uma solução de continuidade<sup>30</sup>.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco Manuel (1910) – *Memórias Arqueológica-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo III. Documento n.º 199. Edição: Museu Abade de Baçal. Bragança, p. 263-264.
- (2000) – *Memórias Arqueológica-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo II. Edição: Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português dos Museus e Museu Abade de Baçal – (Suporte Digital). Bragança.
- ANDRADE, Amélia Aguiar (1994) – *Vilas, Poder Régio e Fronteira: O exemplo do entre Lima e Minho na Idade Média*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, p. 233.

---

<sup>30</sup> ELIADE, 1992.

- COSTA, António Carvalho da (1708) – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*, Tomos I, II, III, Ed. Oficina de Valentim da Costa Deslandes, Lisboa.
- ELIADE, Mircea (1992) – *O Sagrado e o Profano*. Martins Fontes, São Paulo.
- GOMES, Dordio (1993) – *Arqueologia das vilas urbanas de Trás-os-Montes e do Alto Douro: a reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, p.80.
- GRAÇA DIAS, Manuel (2005) – 2000-2004: *Porque “Adequado”?* «JÁ, Jornal Arquitectos: Antologia 1981-2004». Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, 218-219, p. 222.
- LAMAS, José Garcia (1993) – *Morfologia urbana e desenho da cidade*: Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, p. 44-172.
- MACIEL, Tarcísio (2000) – *Roteiro arqueológico da região de Vinhais*. In MACIEL, Tarcísio, coord. – *Vinhais Terra e Gentes*. Câmara Municipal de Vinhais, Vinhais, p. 57- 59.
- MORENO, H.C. Baquero (1986) – *Vias Portuguesas de Peregrinação A Santiago de Compostela*: Vol. III. «Revista da Faculdade de Letras do Porto». Porto, p.77-89.
- NETO, Joaquim Maria (1975) – *O Leste do Território Bracarense*: União Lda., Torres Vedras, p. 25-79.
- PAIO, Alexandra Cláudia Rebelo (2002) – *Urbanismo Medieval Planeado: as novas vilas medievais: Séc.XIII-XIV*. Tese de Mestrado em Desenho Urbano, ISCTE, Lisboa: ISCTE, p. 66.
- PAIO, Alexandra; ALBERGARIA, Henrique; MADALENO, Ana; SANTOS, Lusitano dos (2007) – *Vilas Medievais Planeadas-Reinadas de D.Afonso III e de D.Diniz* – 1.ª edição . Montagem por IERU. Publicação co-financiada pela União Europeia, Fundo FEDER (INTERREG IIIB-SUDOE), Coimbra, p. 186-189.
- RODRIGUES, Donizete (2012) – *Património cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica*. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>
- RIBEIRO, Orlando (1970) – *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Vol. I. 1.ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa, p.315-319; 324.
- SILVA, Elsa Peralta da (2000) – *Património e Identidade. Os desafios do Turismo Cultural*, Universidade Técnica de Lisboa. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734>.
- TÁVORA, Fernando (1952) – *Para um Urbanismo e uma Arquitectura Portuguesa*. «Jornal O Comércio do Porto». Porto, p. 11, 12, 162.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1942) – *Etnografia portuguesa – Tentame de Sistematização*. Vol. III, Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa, p. 104-106.